Ano 1.º — N.º 41

Guimarães, 20 de Janeiro de 1917

# O REPUBLICANO

PROPRIEDADE

— DO —

Centro Democrático Vimaranense

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e imp. Tip. Minerva Vimaranense

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

Na Junta Geral do Distrito

## Uma chicana politica

### para vingar conveniências de Braga!

III

Explicar o que se passou na última reunião da J. Geral, vale em verdade êste terceiro artigo. Aquilo, pensando bem, só talvez... com música se explicasse, se o caso não demandasse a obrigação de ser tratado a sério.

Principiemos: Os paladinos de Braga, no intuito de demover os procuradores de Guimarães de apresentarem a sua proposta, fazendo conseqüentemente vingar a dêles, fizeram-se portadores junto de nós duma plata-forma a que os seus bons desígnios chamavam o modo de conciliar gregos e troianos. Essa plata-forma era esta: a J. Geral votava a proposta de Guimarães—distribuir na proporção tributária o saldo por todos os concelhos — e a mesma J. Geral votava egualmente uma proposta concedendo à Misericórdia de Braga um subsídio igual a esse saldo.

Em bons e claros termos repelimos tal plata-forma. Os representantes de Guimarães não defendiam a sua proposta—dissemos — senão pelo princípio de equidade que ela representava. Se, por si, se opunham a que a parte deste concelho corespondente a esse saldo não fôsse entregue à Misericórdia de Braga, era apenas porque Guimarães também tinha instituições para velar e, se alguma coisa êste concelho devia à Misericórdia de Braga, dentro da lei lho pagava. Votar, pois, o subsidio à Misericórdia de Braga, *e mais ainda em tais condições de ajuste*, seria em conclusão reconhecer:

1.º Que os representantes de Guimarães pugnavam menos pela equidade da proposta que pela verba do saldo a distribuir;

2.º Que os representantes de Guimarães reconheciam, apesar de tudo, a legitimidade da Misericórdia de Braga em recorrer ao rendimento tributário dêste concelho;

3.º Que, finalmente, a proposta dos representantes de Guimarães, embora tivesse atraz de si a maioria da J. Geral, não era todavia votada... por que Braga não queria!

Por tais razões, como é de ver, a *plata-forma contracto* não foi acolhida, como esperavam, e o *conclave de irmãos* deixou os animos dos paladinos bracarenses descontentes. Ora êste descontentamento, não querendo ceder à evidência da lógica, entrou de chocar um pretexto para evitar a votação da proposta dos representantes de Guimarães.

Havendo já na sala número mais que suficiente para a sessão funcionar e passando já bastante da hora, pretexta-se a espera do sr. presidente. Diligenciamos os meios legais de opôr à demora, conseguindo ver indicado para assumir a presidência, como o mais velho, o nosso ilustre colega naquêle corpo administrativo sr. General António Emílio do Quadros Flores. Vencido o primeiro escolho, surge outro: o sr. chefe da secretaria espera ordens de *lá de dentro* e, cortezmente, algo embaraçado, não atende o que lhe vamos dizendo para, como secretário, ir lendo a acta.

Naturalmente vamos percebendo um propósito calculado de ir enchendo tempo,—até áquela costumada altura de alguns senhores representantes dos concelhos de fora da sede consultarem os relógios e... regressarem aos seus lares, que está a deligência para partir, ficando assim a proposta dos de Guimarães sem votação.

Mas não foi necessário socorrerem-se dêste expediente; outro melhor se lhes oferecia. Entanto que o tempo ia correndo, sendo um dos assuntos da sessão a eleição da nova Comissão Executiva, naturalmente os representantes de Barcelos—o concelho que, depois do nosso, mais direito tem de se fazer representar na Comissão Executiva — pensam em indicar ao sufrágio um dos seus cinco representantes. Nêste sentido vão falando aos seus colegas para que êstes sancionem com o seu voto essa tam legítima e justificada pretensão. Pessoalmente, de nossa parte, dispondo liberrimamente do voto que representamos ali, acolhemos bem o desejo dos srs. procuradores de Barcelos e, mais que isso, *o mesmo nome do seu candidato, que era um eclesiástico.*

Bem sabiamos que, procedendo assim, desagradavamos aos nossos amigos de Braga que, obstinadamente, se insurgiriam contra a entrada dum padre, e, demais, declarado adversário do regimen!

Haviam, porêm, determinantes lógicas contrárias ao pensar dos nossos amigos e correligionários de Braga para procedermos de modo diverso ao seu. Desfiemos os considerandos que justificavam o nosso procedimento:

*a)* Porque não querendo admitir, sem o nosso protesto, que uma corporação administrativa, como é a J. Geral, se transforme em agência de conveniências partidaristas, não receiavamos, por tanto, *perigo político*, a entrada dum adversário na Com. Exec.;

*b)* Porque ainda hoje, como a quando dos tempos de ostracismo para o velho Partido Republicano, consideramos conveniente, e justa a representação das minorias na vida da administração pública, pois não só isso é um princípio do bom direito político, mas ainda porque serve o facto de *justificado argumento* para opôr às exigências de certos correligionários insaciaveis;

*c)* Porque, sômos de pensar que bem mal servem os interêsses da República aquêles seus adeptos que, numa comissão de cinco membros, já antolham perigosa a entrada de um adversário, deixando assim perceber que não é tam honesta a administração da maioria a ponto que possa suportar um fiscal interessado em procurar escândalos e distribuir por êle próprio as responsabilidades dos mesmos;

*d)* Porque, finalmente, dando o nosso voto ao sr. Padre António Esteves, monárquico de Barcelos, antecipadamente sabiamos que podiamos contar com um homem honrado, correcto, criterioso, capaz de, numa palavra, ajudar alguêm na tarefa de fazer da Junta Geral do distrito de Braga alguma coisa diferente e melhor do que tem sido.

Eis clara e lealmente as razões porque muito em obediência à nossa vontade—que a nenhum interêsse mesquinho ou caprichoso se subordina—¡votavamos no nome do representante do concelho de Barcelos, a despeito dos paladinos bracarenses considerarem êste procedimento nem mais nem menos que um *crime contra a República!*

Conhecido entre-scenas que Barcelos tinha probabilidades de ver na Com. Exec. da J. Geral um seu delegado — ¡e a todos era indiferente que êle fôsse ou não fôsse correligionário!—logo ordens foram dadas para que se provocasse a dispersão dos elementos necessários para a Junta não poder funcionar, por falta de número, pois que estava assim achado o pretexto para não ser votada a proposta dos de Guimarães.

São, como se vê, uns *grandes homens* para expedientes salvadores, êstes senhores paladinos bracarenses. Dum golpe, dois coelhos! Salvaram a República dum *ultrage*—ou fôsse a entrada de 1 monárquico para uma comissão de 4 democráticos — e salvaram por igual *o prestígio* da J. Geral, evitando que ela aprovasse uma proposta que convinha á maioria dos concelhos do distrito!

Se a alguêm, depois disto, dissermos que tal procedimento equivale à mais ignóbil porcaria política que era de uso verificar-se em tempos do defunto regimen; se dissermos que um tal procedimento é a desvergonha e o descaro na cara daquêles que se presupõem ter em si a arca santa dos princípios democráticos, os quais mandam dar representação nos corpos administrativos às minorias eleitas; se, finalmente, dissermos que um tal procedimento é a funesta, a perniciosa, a truculenta intromissão da política de exclusivismo nas corporações onde a política apenas devia tomar a feição moralisante dos negócios administrativos, — se assim nos pronunciarmos, oh, Santa da Marca! vai tudo razo, cai a Sé e o Carmo, inventam-se epítetos de traidor e mais de talassa, pede-se uma excomunhão... ao Directório, põe-se, em suma, o rebelde correligionário a pão e laranja, pois não se admite nestes tempos de chatesa e subserviência, de espinha de gelatina e mesuramentos fraldiqueiros quem veja, quem pense, quem por sua consciência e inteligência decida a sua conduta.

A chicana politica fês-se ainda alfim a *grande salvadora* da... República, defendendo sob êste velhaquíssimo pretexto o «posso, quero e mando» dos paladinos bracarenses!

Assim se passaram as coisas na última sessão da J. Geral, por causa da distribuição dum simples saldo de 5 contos, *que Braga reclamava para si só;* assim fecharam, com êste episódio regedorial, os últimos trabalhos (?) da J. Geral do Distrito de Braga—sem ser votado o seu orçamento para o ano de 1917, no que o contribuinte tem de resto alguma coisa a lucrar.

E basta; que o defunto não vale mais cera.

*A. L. de Carvalho.*

Relogio da minha vida,
Que a desgraça adiantou,
A hora da despedida
Meu coração já soou.
Bate-me o peito entretanto,
Dos olhos corre-me o pranto,
Cujo amargor é tão bom!
Pois eu choro? O' sorte crua!
Tambem o marmore sua,
Tambem o bronze dá som.

TOBIAS BARRETO.

### Dr. Raul Cunha

Pelo meretíssimo Juiz de Direito foi, na passada quinta feira, conferida posse ao novo delegado do Procurador da Republica em Guimarães, o snr. dr. Raul Cunha, assistindo ao acto varias pessoas.

A sua Ex.ª, que conta afectivas simpatias nêste meio, a que, como disse, está ligado por laços indissoluveis, pois Guimarães é mãi de sua Ex.ma Esposa e queridos filhos, endereçamos as nossas sinceras e efusivas saudações.

Não é para nós, habitantes de Guimarães, indiferente a pessoa e qualidades de quem para aqui vem desempenhar tão alto como melindroso cargo, pois que a sua Ex.ª, áquêle magistrado incumbe, como representante da sociedade, a defesa dos nossos interesses, da nossa vida e da nossa honra.

No prefácio do—*Le Ministére Public en France* — do conhecido professor *Ortolan* e do advogado *Ledeau* escreveram êstes autores — «*Mais aujour-d'hui, comme autrefois, c'est à l'indépendance de ses membres qu'il devra de présenter tel qu'il doit être, le ferme gardien des lois et des libertés publiques et individueles.*» E' preciso, definidor—«*le ferme gardien des lois et des libertés publiques et individueles.*» E nessa defesa sagrada—suprema aspiração duma vida obscura — nos ha de sua Ex.ª encontrar lealmente, devotadamente.

*

### Emile Verhaeren

*Maurice Maesterlinck*, o sublime escritor, cuja obra por si só bastava a tornar imortal a nobre Belgica imortal, não pôde, por um estupido conjunto de circunstancias, assistir ao enterro do grande poeta seu compatriota. Do discurso — *Adieu a l'ami* —, que tencionava proferir, traduzimos estas frases lapidares e justissimas:

— «Porque êle representa a Belgica inteira. Jamais se vira — e em vão se procuraria um outro exemplo — um poeta incarnar a tal ponto a alma dum país. Flamengo pelo nascimento e pelos antepassados, Walon, isto é francês pelo espírito e pela lingua, era verdadeiramente o poeta de duas frontes desta raça de duas cabeças, mas que tem um só coração e que bem o mostrou! Concentrava-a perfeitamente no seu grande coração, seu coração imaculado «coração fogôso, o seu coração profundo». Acumulara, para os espalhar em seguida em torrentes de beleza pelo mundo, tôdos os seus tesouros, tôdos os seus aspectos, cidades e campos, o seu futuro e o seu passado, viagens e pensamentos, mistérios e exuberâncias, festas e lutos, alegrias e dores, até o dia da grande iniquidade, em que o destino, como para o misturar e igualar uma ultima vez e mais estreitamente a tudo que tinha amado e celebrado na terra, se mostrou para êle tão injusto, tão imperdoável como para a sua infeliz e inconsolável Pátria»—.

*

### Hospital da Misericordia

E' com invencivel repugnancia que temos de voltar a referir-nos á tão escandalosa como desastrada gerencia da mesa actual, irritante e parece que propositadamente mal escolhida pela politica monárquica como e em mísera vingança da comissão administrativa, cuja obra inteligente e honestissima tôdos louvam com justiça e recordam com saudade. Mas o nosso dever de jornalistas é por seguro interpretar o interesse publico azedamente, digamos—malcriadamente desprezado e ofendido por uma baixa tirania, resfolegando assomadiça, onde já não é dificil descobrir, de novo aliando-se e dominando a politica, a mão pesada das congreganistas.

Tem razão, em sua campanha, o activo correspondente do «Primeiro de Janeiro». E' certo que a visita aos doentes internados no

hospital de parentes e amigos não se fará, aos domingos, com aquela correcção e cuidado que a higiene e a razão aconselham. Mas ha tantissimos meios eficazes de ordenar o serviço que só a prepotencia e a irreflexão de quem se sente «dôno da casa dos pobres» iria escolher precisamente o unico que tôdos os motivos levavam a pôr de parte. As pessôas que teem doentes no hospital não vivem numa aposentação farta. Bem ao contrário! São gente humilde, da que, a cada hora, tressua para arranjar umas tristes migalhas de pão. Fecharlhes a porta na cara aos domingos é colocá-las no dilema de ou terem de perder, na semana, uma tarde, quantas vezes um dia de trabalho!, ou de deixarem de visitar entes queridos, agonisando sem um conforto, para ali, na sala monotona duma atmosfera dolorosa e febril, do hospital. Assim o intenderam, na sua omnipotencia, e assim será porque ha uma teimosia enorme em certos bemaventurados.

# A duração da guerra

No princípio dum nôvo ano de hostilidades, é natural que se retemperem energias, que se torne mais vibrante a fé, numa palavra, que haja esperança; mas não o é menos que se procure definir a razão da nossa esperança e que se tente fazer uma idea clara do futuro, recordando, com ardente sinceridade, as terriveis lições dos vinte e nove mêses de guerra que atravessamos. Em nossa opinião, depois das provas que não nos fôram poupadas, o futuro deve erguer-se diante de nós, na hora actual, sem véus, sem mistérios, sem enigmas. Sem dúvida, os nossos inimigos, embora decaídos da altiva insolência dos primeiros tempos, continuam a proclamar uma fé indefectivel no seu triunfo final. Pelo seu lado, apesar de tôdos os precalços devidos a uma preparação desconexa e a uma imperfeita adaptação dos meios ás condições de exito, os aliados coordenam pouco a pouco o seu formidável esfôrço, afirmando a vontade de o proseguir e multiplicar até á vitória completa. E da ordem natural das coisas que uns e outros falem, em público, a mesma linguagem. Mas a vitória não depende somente da vontade que cada um tem de a conquistar; depende mais aínda dos métodos, dos meios, das virtudes particulares dos individuos encarregados de a obter. Esperamos que êsses factôres decisivos estejam de nosso lado e que o problema será finalmente resolvido em nosso favor. Admitamos, dêsde hoje, que os aliados, tôdos os aliados, estejam animados da mais alta vontade de vencer, não somente nos discursos dos homens de Estado, mas ainda nas resoluções, nos actos. Assim poderemos não levantar a pueril questão que verruma tantos cérebros —qual será ainda a duração da guerra? mas simplesmente examinar se a luta deve prolongar-se ainda por muito tempo ou se ha possibilidade de terminar em breve.

*

As nossas inquietações, o nosso enervamento sôbre a duração da guerra seriam bem menores, se as nossas ideas não tivessem sido falseadas, durante a paz, por uma primitiva concepção irracional sôbre as condições dum vasto conflito moderno. A importancia dos efectivos, a potencia dos meios materiais, jamais conhecidos em qualquer guerra anterior, levaram a pensar que a solução dum tal conflito só podia ser rápida. Concluia-se que a duração da resistencia do partido que vergasse primeiro estaria em razão inversa dos meios de acção e destruição. Era um falso ponto de partida. Os exércitos modernos eram aproximadamente equivalentes pelo número (pelo menos no momento da mobilisação) e pelo valor do armamento. Era, pois, razoável supor que a destruição das fôrças militares dum dos partidos exigiria um tempo bastante longo e que esta destruição não poderia ter lugar num só recontro. Não ignoro que um certo número de tecnicos apresentaram opinião diferente, nos anos que precederam a guerra actual. Segundo êsses, o resultado da luta dependeria da grande batalha, que seguiria imediatamente a concentração dos exércitos beligerantes. O primeiro choque devia ser tão formidável que arrastaria fatalmente a uma decisão. Receio, antes de mais, que se hajam interpretado num sentido por demais literal as palavras, se não de tôdos, pelo menos dos principais dêsses tecnicos. Assim *G. H. Bonnal* escreveu: «O resultado da próxima guerra será intimamente ligado ao resultado da primeira batalha... a sorte da guerra estará decidida um mês depois da abertura das hostilidades.» Falando do «resultado» e da «sorte» da guerra, o eminente critico militar não quereria intender, cremos, que a paz seguiria de perto a conclusão do primeiro recontro, por mais formidável que fôsse. Parece-nos mais em conformidade com o seu verdadeiro pensamento crer que não quiz, exprimindo-se assim, senão sublinhar a influencia considerável que teria na sequência dos acontecimentos o resultado do primeiro choque do conjunto dos exércitos beligerantes. O general *Bonnal* continuava, com efeito, assim: «Colocando nos no ponto de vista das realidades, podemos bem dizer que da primeira grande batalha dependem os exitos ou desastres de tôda a campanha.»

JEAN NOREL.

*(Continúa).*

# O NATAL DOS PEQUENINOS

(Da festa realizada no Teatro Afonso Henriques, pelos alunos das Escolas Centrais, na noite de 23 de dezembro de 1916, para distribuição de 100 fatos a crianças pobres).

## A Roca

Eu fio, fio que fio,
A minha vida é fiar;
De tanto que fio o fio,
Fio mais que um tear.

Ligeirinho anda o fuso,
Mais ligeiro o pensamento;
Vem esta pressa do uso,
Uso é de rendimento.

Levo dias a fiar,
Não tem fim o meu serão;
Ai, faz bem o trabalhar,
Alivia o coração.

Roquinha, minha roquinha,
Não cesses tua canceira;
Netos tem esta velhinha...
Quem mos dera à minha beira

O' Fada dos bons destinos
Dout'este fio que é forte;
Prende a êle meus netinhos,
Livra-m'os tu da má sorte.

Farto é o meu bragal,
A puro linho rescende;
E' fortuna sem igual,
Que os d'hoje não *intende*.

No meu tempo era a roca,
Um bom e santo cuidado;
Fia a roca a massaroca,
Quem fia bem, tem fiado.

Desde a choupana do pobre
Té ao palácio dos reis,
Foi a roca coisa nobre...
Muito embora a desdenheis.

Menina ou môça que fôsse,
Tudo aprendia a fiar;
Era um dote terno e doce
De quantas iam casar.

Pé de meia não tivesse
Nem de seu um *buraquinho*
Casava s'alguem dissesse:
—Fia muito e miudinho!

A serva que não fiasse
P'ró serviço não servia:
—Fôsse aprender e voltasse!
Toda a ama lhe dizia.

O' gente nova d'agora
Vós que ris da velharia
Sabei que a roca outrora,
Era encanto e poesia.

Era no lar a ventura,
Sua paz, sua alegria;
Hoje o bem, bem pouco dura...
Ou não rissem de quem fia.

Minha avó quando casou,
Teve uma roca por dote,
E de tanto que fiou...
Deu-me este lenço e capote.

Branqueja neve na serra,
Vou fiar a minha lã;
Pobre ovelhinha já berra,
O seu balir tem razão!

Lindo fuso, gira, gira,
Toca, toca, a girandar;
Quanto mais o fuso gira,
Mais o fuso quer girar.

Minha roca fia, fia,
Fia, fia, sem cessar;
Quanto mais a roca fia,
Mais a roca quer fiar.

Passa o linho à minha boca,
Dou-lhe beijos sem cançar;
Enquanto fio à roca,
Desfio contas a resar.

Quando meus netos casarem,
Lindo enxoval hão-de ter,
Que minhas mãos lhe fiarem...
Se eu antes não morrer.

Quando eu me fôr à cova
Em lençol do meu fiado
Chorai vós ó gente nova
Saúdades do passado...

Adeus roca, minha amiga
Vais comigo a enterrar;
Pois não quero ninguem diga,
Que ficas orfã no lar...

# PELOS ANIMAIS

Meus Amigos da «Sentinela»:
—Faz bem ver um jornal, mesmo humoristico, a protestar contra o bárbaro espectáculo de um pobre cão vádio que se debate, na via pública, nos estertores agónicos duma morte cruel, assistido pela basbacaria indígena, entre mistura de risos e galhofas. Faz bem e é algo sintomático, pois que assim se prova que o humorismo e a *verve* se podem inspirar nos sentimentos nobilíssimos de humanidade.

Venho, meus amigos, à chamada do vosso jornal—pois que se não é impunemente, não é verdade? presidente da Sociedade Protectora dos Animais. O que vos posso dizer que interesse ao caso, é isto:

A Câmara Municipal manda «excepcionalmente» distribuír o bolo striquinino aos cães encontrados *sem açamo* na via pública, em cumprimento do artigo 344.º do seu código de posturas—quando por interêsse público se prove a necessidade de usar êsse meio violento.

FOLHETIM

N.º 13 13-I-1917

F. Petrucelli de la Gattina

# Memórias de Judas

(tradução expressamente feita; direitos reservados)

Derrubavam-nos prá direita e prá esquerda como espigas nas mãos dos ceifeiros. Os que fugiam lançavam ao chão os mais fracos e esmagavam-nos. Estavam perdidos os que caiam porque se não tornavam a levantar. Abriram-se as lojas e as portas das casas para os desgraçados se refugiarem: mas o sangue, o mais forte dos embriegantes, causava vertigens nos soldados. O próprio Templo não foi respeitado como asilo: o páteo dos sacerdotes como o dos pagãos, o lischcath ha azith como o mercado santo, os claustros e as câmaras sagradas ficaram manchados de sangue, juncados de cadaveres. Houve três mil vitimas, contando-se nelas apenas dois soldados romanos!

No dia seguinte, os vales de Hinnom, de Josaphath e de Cedron estavam obstruidos de cadaveres, na maior parte galileus, súbditos do tetrarca Antipas Herodes.

Claudia, durante os primeiros momentos do tumulto, ficara no terraço olhando o esplendido panorama que a cercava. Contemplava o Templo, faiscando coberto de laminas de oiro do sol; o vale que, descendo sempre, chegava a Betlehem, a Jerichó, ao Jordão, ao deserto, ao mar Morto, vasta toalha azul e oiro, fechando no horizonte como uma safira termina o florão duma corôa. Admirava os jardins de Silohé, os grupos de arvores prateadas do monte das Oliveiras, os esplendidos jardins do seu palácio, a cadeia de montanhas da Judea e de Benjamin, que, por um planalto, se ligam aos dois esporões de Sião e de Akra; e, muito distantes, para lá do Jordão e do deserto, as montanhas de Moab, semelhantes a uma nuvem violêta polvilhada de oiro. Ao terrivel rugido do massacre, Claudia desceu os olhos do ceu á terra e seguiu as evoluções do gládio romano através as carnes dos filhos de David, sem recuar, sem empalidecer. Depois, quando o sol começou a incomoda-la, receando pelo brilho da sua tez, entrou lentamente murmurando a Cypros, a escrava gaulêsa encarregada de lhe cuidar da cabeça:

—Chego a tempo.

Flaccus recebeu no banho a noticia da carnificina, emquanto os escravos lhe esfregavam a pele com a pedra pomes de Lesbos, dôce como os lábios duma rapariga.

—Ah!—êstes vadios podem socegadamente aguçar de nôvo as adagas, amanhã.

E mandou que deitassem outra pastilha de mirra nas caçarolas de oiro que perfumavam o gabinête.

Pilatus, ao contrário, arrancou os cabêlos desesperado á vista da terrivel catástrofe.

Cavalgou dum salto o primeiro cavalo que encontrou no páteo e deitou a correr atrás dos assassinos, gritando—Parem! Basta! Mas, ai! caminhava lentamente.

Os cadaveres, os feridos, os caidos no chão impediam-no de avançar. Os gritos de maldição, que lhe ensombravam o caminho, oprimiam-no. Conseguiu, todavia, por fim, aplacar o furor dos soldados; ordenou que se retirassem e voltou ao palácio, o coração sangrando, a alma ferida de remor os e dor. Entrou na sala dos julgamentos. A sua tarefa do dia não terminara ainda. Apresentaram-lhe a senteça contra os vinte e dois prisioneiros que condenara de manhã. Releu-a, demorou-se longo tempo a reflectir, perguntou aos conselheiros se era justa e conforme a lei. Responderam-lhe afirmativamente.

—Trazei então os prisioneiros.

Diante das portas do palácio—os judeus separatistas julgavam-se maculados se transpuzessem o limiar da residencia de Pilatus—estende-se um páteo aberto, no meio do qual, dêsde que o palácio de Herodes se tornou o Pretório romano, está incrustado um quadrado de mosaico que marca o lugar do julgamento. Chamamos-lhe o Gabbatha. No meio do Gabbatha eleva-se um pequeno banco de pedra, mosqueado de marmore de diversas côres, sôbre o qual empoleiravam a cadeira curul do pretor, quando devia anunciar a sentença dos criminosos. Pudia-se, segundo o nosso uso, pronunciar a sentença na sala da audiência, mas deviam publica-la ao ar livre diante de quem a quizesse ouvir.

Quando Pilatus veiu assentar-se na cadeira, os prisioneiros, ligados em duas cadeias, de onze cada uma, esperavam alinhados em duas filas, á direita e á esquerda. Os guardas do Pretório formavam em circulo á volta: mas o pôvo estava ausente. O páteo estava vazio. Apezar disto, Pilatus proseguiu. Perguntou aos condenados:—Tendes mais alguma coisa a alegar em vossa defêsa?

Ninguem respondeu. Alguns sorriram de maneira desdenhosa e ironica.

—Lê a sentença, disse Pilatus ao escriba.

Este personagem leu a sentença em latim.

Um intérprete traduziu-a na nossa lingua. Em substância, eis o que decretava: os vinte e dois prisioneiros seriam expostos no dia seguinte á vista do pôvo, que os não tinha visto hoje encadeados, no anfiteatro, antes de começar o espectaculo, onde seriam chicoteados com dez golpes de vêrga cada um. Dez dos criminosos, cujo nome a sentença designava, seriam crucificados nessa mesma noite. Seis, cujos nomes tambem estavão escritos, seriam lançados ás feras no segundo dia do espectaculo. Os seis outros, finalmente, os mais validos e os mais novos, seriam admitidos a combater com as feras, no terceiro dia, armados somente duma espada curta. Quando terminou a leitura da sentença, Pilatus perguntou ainda ao pôvo ausente:

—Tem alguem quaisquer observação a fazer?

Ninguem respondeu, naturalmente. Então dirigiu-se aos condenados e acrescentou:

—E vós tendes alguma objeção a opôr? Tendes alguma coisa a pedir que não tenha relação com a sentença?

Os condenados calaram-se. Somente, depois dum minuto de silencio, em que se puderia ouvir bater os corações, Menahem exclamou:

—O Deus, que alumia os dias no ceua, madurecerá o da vingança.

Pilatus ergueu dôcemente a cabêça e respondeu, calmo:

—Se êsse dia é num ano, o tempo não o marcou ainda no seu livro.

Um mituto depois, o rouxinol trinava nos jardins do palácio, estendidos ao pé do Ophel, banhados pelas deliciosas aguas de Envogel, as rôlas gemiam, a brisa do meio dia brincava com as *fragâncias* do vale de Siloam, as borboletas voavam, desdobrando o escrínio de pedrarias por entre os arbustos.

Já o jantar de Pilatus e do seu hospede o esperava.

A prova dessa necessidade, creio ter sido sugerida pelas participações dimanadas das instâncias superiores, avisando que, mercê de constantes casos de hidrófobia os institutos anti-rábicos se encontravam assoberbados de doentes em tratamento. Dentro dêste artigo, como se observa, a Câmara pode dispensar-se de mandar fazer a apanha de cães vádios com a sua rêde, conduzindo-os simultâneamente ao canil.

Não podemos, pois, em tais circunstâncias, querelar o édil municipal que sôbre o pelouro superintende, ficando-nos apenas a liberdade de discorrer relativamente ao facto de haver uma rêde e não se pôr em uso e de haver um canil e não servir para nada.

E' assim pela observância do 344.º artigo e sempre «excepcionalmente» que a Câmara põe de lado o que as suas antecessoras, senão ela própria estabeleceu, tratando-se à evidência duma lamentável renúncia ao próprio bem de que foi precursora.

Este desvio de influxos bons a que os corações humanos estão sujeitos, tem, quanto a mim, uma explicação—aquela que um dia certo vereador me fez o favor de dar, satisfazendo a minha impertinência de mau presidente da Sociedade Protectora dos Animais: —«Os cães teem de *gramar* a bola, já que não querem *gramar* a rede!»

¡E' deveras curioso êste raciocínio do vereador em oposição ao instinto do animal!

O cão, por um natural amor à liberdade—de onde se prova que a liberdade té pelos animais é querida e suspirada—foge, escapa-se, furta-se de caír nas malhas da rede; o vereador astuto, renunciando à tentativa de convencer *o fiel amigo dos homens* das vantagens da rede, sofisticamente caça-o pelo engôdo dum bolo de farinha com veneno, vingando se dêsse modo, que eu reputo traiçoeiro, da obstinácia lógica e natural do pobre animal canino.

¡E é para esta vileza, afinal, que o homem se proclama—o rei dos animais!

Mas há melhor em sistema de *protecção* municipal aos cães vádios. Um dia, que já vai longe, dirigime ao sr. vereador que determinava nos serviços do canil, para que ordenasse a distribuição duma farelada qualquer que servisse para os cães, ali recolhidos, não morrerem à fome, té ao momento que os seus donos, se os tinham, os fossem requisitar, pagando êstes, nos termos do código de posturas, a hospedagem. Mais pedimos que, quando os cães não resgatados, houvessem de sofrer a pena de morte, que se lhes não poupasse tanto a striquinina a ponto de se prolongar a sua tortura numa impiedade cobardíssima e estúpida.

Pois meus amigos: Só um pensamento dominava adentro dêste vereador—que é de resto um cidadão probo: o aspecto económido do problema, pois que, as multas cobradas, as queria inteiras para o cofre municipal!

Esta situação veio mais tarde, por insistência da S. P. dos Animais a modificar se.

Eis por que, meus amigos, não sei bem se, sob o ponto de vista de protecção aos animais, será melhor ver os cães submetidos e tratados pelo rigor do artigo 344.º, se ver de novo os mesmos caír nas agruras dum canil onde já tem sucedido passarem fome... até de veneno!

. . . . . .

Algures, disse um filósofo, que quanto mais conhecia os homens mais estimava os cães; e outro, indo mais longe, acrescentou que os cães só tinham os defeitos que os homens lhe inoculavam. Pensando muitas vezes nestas terríveis e flagelantes verdades, tenho perdoado que um ou outro cão de guarda me ladre às canelas e não sei sequer ter comiseração por essas criaturas que assorriam cães para os ver brigar à dentada e riem ou passam indiferentes perante o espectáculo anti-civilizador, porque é canibalesco, de ver *o mais lial amigo do homem* debater-se num inferno de dores sob o efeito mortífero do veneno!...

Afectuosamente agradecido,

A. L. DE CARVALHO.

# NOTICIOSA

### *Hospital da Misericórdia*

Nota do movimento de doentes no mês de Dezembro de 1916:

Doentes existentes no dia 31 de Novembro: homens, 54; mulheres, 80; total, 134.

Entrados durante o mês: homens, 52; mulheres, 58; total, 110.

Saídos—curados: homens, 34; mulheres, 34; total, 68. Melhorados: homens, 18; mulheres, 34; total, 52. No mesmo estado: homens, 3; mulheres, 5; total, 8.

Falecidos: homens, 2; mulheres, 7; total, 9.

Existentes no fim do mês: homens, 49; mulheres, 58; total, 107.

Consultas no banco: homens, 61; mulheres, 97; total, 158.

Curativos no banco: homens, 640; mulheres, 624; total, 1264.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis, 189.

*

### *Concêrtos sinfónicos*

E' na próxima quarta-feira que no teatro D. Afonso Henriques se efetua o primeiro concêrto sinfónico da iniciativa e sob a direcção artistica do distincto maestro-compositor, sr. Americo Angelo.

O segundo destes interssantes e artisticos concêrtos está anunciado para o dia 7 do próximo mês de Fevereiro.

Os bilhetes, que teem sido muito procurados, encontram-se á venda na Casa High-Life, á Praça de D. Afonso Henriques.

*

### *Pela imprensa*

O nosso muito ilustre colega de Lisboa—«A Voz do Operário»—entrou no 37.º de publicação. E' muito sincera e lealmente que lhe dirigimos a nossa efusiva e amiga saudação. Jornal de alto brilho literário, como, ainda ha pouco, o demonstrou o seu belo número consagrado ao Natal, tem, no meio associativo operário, um lugar de indiscutível realce pelo valor, pelo senso, pela erudição, pela não estafada filosofia, pela acção educativa que exerce e pôi na defêsa dos seus nobres ideais.

*

O nosso colega—«Cabeceirense»—transcreve, em seus números 168 e 169, os dois magníficos artigos—*Da minha terra:* «Um pedido» e «Na fonte»—do nosso ilustre e querido colaborador A. V.

Pêna é que se houvesse esquecido de mencionar, como devia, o jornal donde fez a transcrição.

*

### *Descanso semanal*

Uma comissão de empregados de comércio dirigiu-se ao comandante da Guarda Republicana, nesta cidade, sr. Tenente Delduque, solicitando-lhe que ordene às praças suas subordinadas a máxima fiscalização sôbre a exacta observância do regulamento do descanso semanal.

*

### *Bombeiros Voluntários*

O comandante de infantaria 20, coronel sr. Afonso Mendes, oficiou ao sr. Simão Costa Guimarães, agradecendo os serviços prestados pela corporação dos Bombeiros Voluntários, quando do incêndio na casa da guarda do quartel do Proposto, e remetendo a quantia de 10$00 para a caixa de socorros da mesma corporação.

*

### *Resoluções jornalisticas*

Em virtude da constante subida de preço do papel e materias primas de que se compõe a manufactura dos jornais, os proprietarios ne todas as emprezas jornalisticas vimaranenses, resolveram que o preço dos anuncios publicados nos seus periodicos tivesse o aumento de 20 reis por linha na primeira publicação.

Este aumento será apenas emquanto durar o preço fabuloso do papel, procurando assim, as mesmas emprezas, fazer face á situação critica que a guerra europeia creou.

I

### *Procissão*

A Mêsa da Irmandade de S. Sebastião, erecta na igreja de S. Dâmaso, obteve da autoridade administrativa licença para amanhã tirar daquela igreja uma procissão.

*

### *Romagem*

Realiza-se amanhã, na freguesia de Mascotelos, a romaria do Santo Amaro que costuma ser muito concorrida.

*

### *Assuntos militares*

Foi intimado, pela administração do concelho, a apresentar-se no dia 21 do corrente mês, na Escola Preparatória de Oficiais milicianos—Porto—a 1.º cabo, sr. Mario Dias Pinto de Castro, do 3.º gtupo de Companhias de Saude, domiciliado na freguesia de S. Paio, desta cidade.

*

Tambem por intermèdio da administração do concelho, recebeu aviso para se apresentar imediatamente no 3.º grupo de baterias de reserva, o 8.º sargento Sebastião Marques Pereira, domiciliado na freguesia de Creixomil, deste concelho.

*

### *Orfeon de Guimarães*

Prosseguem activamente os ensaios dêste simpático grupo Orfeónico.

Há grande entusiasmo entre os seus elementos.

*

### *Junta da freguesia de S. Sebastião*

Estão patentes para exame e reclamação as contas desta Junta relativas ao ano civil findo, por espaço de 10 dias, em casa do respectivo tesoureiro, sr. António Antunes de Castro, do largo do Trovador.

*

### *Professorado*

Foram promovidos a 1.ª classe os seguintes professores, dêste concelho:—D. Aurora de Freitas Guimarães, da freguesia de Fermentões; António Montes Guimarães, da freguesia de Serzedo; e António Teixeira, de Moreira de Conegos.

*

### *Furtos*

Os gatunos roubaram ultimamente grande porção do fio de cobre, empregado para a condução de energia electrica das quedas d'agua do Corvête para esta cidade.

*

Também na noite de quarta para quinta feira, assaltaram a igreja de Silvares, levando alguns objectos do culto.

A polícia investiga.

*

### *Falecimentos*

Na freguesia de S. Cristovão de Selho, faleceu ultimamente o sr. Joaquim Mendes Ribeiro, pai do sr. António Mendes Ribeiro de Vasconcelos.

*

Está de luto, por falecimento de uma sua irmã, o sr. Ilidio Ribeiro Dias, director tecnico da fábrica de tecidos do Arquinho.

Pesames aos doridos.

## A Junta de Paroquia da freguesia de S. Sebastião:

(2.ª Publicação)

FAZ saber que se acham patentes durante dez dias em casa do respectivo tesoureiro cidadão Antonio Antunes de Castro, morador no largo do Trovador, as contas paroquiais relativas ao ano findo de mil nove centos e desasseis, para que possam ser examinadas e contra ellas deduzir-se qualquer reclamação.

Sala das sessões da Junta, 10 de Janeiro de 1917.

O Presidente,

*José d'Oliveira Meira.*

## EDITAL

(1.ª Publicação)

**A Comissão Executiva da Câmara Municipal do concelho de Guimarães:**

FAZ PUBLICO, nos termos do artigo 7.º do Decreto de 30 de Dezembro de 1916, que é expressamente proíbida a venda de carnes verdes às quintas feiras no concelho de Guimarães.

E para constar se publica o presente edital e outros de igual teor nos lugares do costume e estilo e ainda nos estabelecimentos dos matadouros para que os fornecedores não aleguem ignorância.

Guimarães, Secretaria da Câmara, 19 de Janeiro de 1917. E eu *José Maria Gomes Alves*, chefe da Secretaria o subscrevi.

O Presidente da Comissão Executiva,

*Mariano da Rocha Felgueiras.*

## EDITAL

(1.ª Publicação)

Avelino de Faria Guimarães, Presidente da Junta de freguesia da Oliveira.

Faz público que se acha patente na Secretaria desta Junta, durante o prazo de 15 dias, a contar da data do presente edital, o caderno da contribuição paroquial, que ha-de constituir receita para o ano de 1917, a fim de ser examinado pelos interessados, que poderão apresentar qualquer reclamação dentro do referido prazo.

Guimarães, e Secretaria da Junta de freguesia da Oliveira, 20 de Janeiro de 1917.

O Presidente,

*Avelino de Faria Guimarães.*

## EDITAL

(2.ª Publicação)

**A Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães**

Faz público, nos termos do artigo 22 da Lei administrativa de 7 de Agosto de 1913, que as suas sessões ordinárias deverão realizar-se no edifício dos Paços do Concelho e sala das sessões da Câmara Municipal, em todas as sextas feiras, pelas 21 horas, não sendo dias feriados, porque sendo-o fazem-se nos dias imediatos.

E, para todos os fins e efeitos legais se publica o presente e outros de igual teôr nos lugares do costume e estilo.

Guimarães, Secretaria da Câmara Municipal, 13 de Janeiro de 1917. E eu *José Maria Gomes Alves*, chefe da Secretaria o escrevi.

O Presidente,

*Mariano da Rocha Felgueiras.*

# Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, *radioativas*.

**AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE**

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artriticas e sifliticas

**Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica**

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPREZA:

**Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes**

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

# INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretário e professor do Liceu.
» administrativo—José Caetano Pereira.

**Instrução primária.** Montou se uma *aula modêlo* com professor habilitadissimo. Alunos internos e externos.

**Instrução secundária.** Cursos dos liceu—no Liceu de Guimarães, *no mesmo edificio*. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para êste curso admitem-se externos.

**Intrução profissional.** Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Scientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

**Instrução artistica.** Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

**Educação física e moral.** Inspecção médica permanente—Médico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de marmore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Gimnásio académico—exercícios fisicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A milhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confrente. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

# VAGO

# FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro êste importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

**— Ao Ex.mo corpo clínico**
**— Aos seus amigos**
**— Ao público em geral**

participam-no

*Manoel Jesus de Sousa & C.ª*

# DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

**Portugal Previdente**

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a êste ramo de negócio.

**DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.or**

78, Rua da República—GUIMARÃES

# "PROSPERIDADE,,

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

## António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

# Instituto Informador Comercial

—DE—

## FORTUNA & BARBEDO Limtd.ª

**Rua das Carmelitas, 100—2.º—PORTO**

**Telefone 386** **Telegrafo Forbedo**

Correspondentes em tôdos os pôntos do PAÍS, MADEIRA, AÇORES, AFRICA e tôdos os paizes do ESTRANGEIRO.
Serviço especial de administração, cômpra e vênda de predios e colocação de dinheiro sôbre hipotecas.
Comissões, consignações e cônta própria

Nas respostas, indique-se sempre a firma e a cidade por extenso.



## O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranense

*(Publica-se aos sábados)*

PREÇO DA ASSINATURA

| | |
|---|---|
| Ano | 1$30 cent. |
| Semestre | $65 „ |
| Brazil, ano (moeda forte) | 2$50 „ |
| Número avulso | $03 „ |

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

| | |
|---|---|
| Anúncios e comunicados, por linha | 6 cent. |
| Repetição, por linha | 2 cent. |
| Permanentes, contrato convencional. | |
| Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento. | |

# O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano — PUBLICA-SE AOS SÁBADOS — Num. 41


*Ao Cidadão*

.....

.....